

Piauí



**Fugindo da grande seca
Vieram do Ceará
Cadóis e Cabeludos
Não sabiam o que iam
encontrar
Terra fértil e água corrente
Lugar bom pra se morar.
Tamanha surpresa
tiveram ao aqui chegar,
Pois habitantes indígenas
já estavam nesse lugar,
Vivendo e cultivando a terra
Para seu sustento tirar.**

**O tempo se passou
As famílias se misturando
Filhos foram surgindo
E novas gerações continuando
Com luta e sofrimento
Por aqui foram ficando.
Tamanha escravidão
Tiveram que passar,
Negaram a própria história
Para viva ficar
E mais tarde, com luta e
sabedoria
Passaram a sua história
contar.**

**Na memória foram gravadas
As histórias recontadas
Recriando estratégias
E a nossa origem resgatada
Esta história se espalhou
Proporcionando uma nova
jornada.
Gerações se passaram
Estudos se aprofundaram
Resgatando a cultura e a história
De povos que aqui chegaram
Estudantes e professores
Pela história se interessaram.....**

O cordel foi escrito por Vitória Araújo e Lucinete Nascimento, Tabajaras da comunidade Nazaré, zona rural de Lagoa de São Francisco, situada no Semiárido piauiense. Nessas linhas, elas expressam a força de um povo que, apesar dos massacres históricos, como a invasão de estrangeiros que os escravizaram, os expulsaram de suas terras e os humilharam, também enfrentou, em tempos não tão distantes, secas, fome e migração no sertão piauiense. Mesmo assim, contra tudo isso, o povo **Tabajara** resiste.

E, na linha de frente, estão mulheres como **Vitória Tabajara**, **Lucinete Tabajara**, **Élida Tabajara**, **Elayne Tabajara**, **Gardênia Tabajara** e **Dinayana Tabajara**, que trabalham incansavelmente para que as gerações futuras tenham o direito de viver a sua própria história, contada por elas mesmas, com dignidade e autodeterminação.



“O MUSEU É VIVO, O MUSEU SOMOS NÓS”

Primeiro Museu Indígena do Piauí é Gerenciado por Mulheres Tabajara-Tapuio Itamaraty



Dinayana Tabajara
Diretora MUPI



Elayne Tabajara
Coordenadora do MUPI e Guia



Élida Tabajara
Comunicação MUPI/APIN



Vitória Tabajara-
Comunicação MUPI/APIN



Gardênia Tabajara -
Cacica



Lucinete Tabajara – Majé
e Presidente da Associação APIN



Essas mulheres não apenas gerenciam o **Museu Indígena Anízia Maria dos Povos Tabajara e Tapuío-Itamaraty**, como também lutam bravamente para que a história de seu povo seja recontada não apenas para a comunidade, mas para o mundo.

“É uma questão de saber se encontrar, de saber da onde veio, de saber suas origens, de saber que você faz parte de algo muito maior. Que não é apenas a sua existência, mas de várias pessoas que vieram antes de você.” descreve **Vitória Tabajara**.

Segundo o Censo de 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), no município de Lagoa de São Francisco, uma em cada dez pessoas se declarou indígena durante a pesquisa, somando 681 indígenas em uma população total de 6.331 habitantes. A aldeia Nazaré, onde elas residem abriga 450 indígenas dos povos Tabajara Tapuío-Itamaraty.

Mais do que números, os dados do IBGE demonstram oficialmente a resistência de um povo que, historicamente, foi escondido pelo poder público e pela grande mídia, mas que sempre esteve presente, forte e pulsante, na comunidade Nazaré. Os mais velhos repetidamente compartilharam as histórias e saberes de seus antepassados, ensinamentos que vêm contagiando as novas gerações e trazendo para o centro dessa luta os jovens, em especial as mulheres. O relato de **Elayne Tabajara**, coordenadora e guia do MUPI, reforça esse sentimento de união e entendimento sobre si mesma que ecoa pela aldeia em que vive:

“Participando dos movimentos e ouvindo as histórias dos mais velhos e do Cacique Henrique, que são todos parentes. No início, resistimos um pouco, por ser algo novo, mas, à medida que surgiram as oportunidades, fomos entrando e nos fortalecendo enquanto comunidade, nos tornando liderança. Hoje, estamos fortes e temos voz para falar sobre a nossa história e sobre a nossa etnia. Também conseguimos dizer com orgulho que somos indígenas, algo que no início nos causava receio. Hoje, falo abertamente sobre quem eu sou. Eu sou Elayne Tabajara.”

Elayne destaca também a importância da comunidade se organizar em associação para que as políticas públicas cheguem com mais rapidez para todos. E também ressalta que os jovens participam ativamente do processo de construção da identidade indígena na comunidade:

“O museu não é apenas um espaço de guardar, mas também mexe com toda a comunidade, na questão de entrevistar os mais velhos e resgatar as histórias deles. Para que hoje tenha a organização que tem, foi em 2016 e 2017 que se deu a criação do museu e da Associação Indígena. É esse movimento que é sustentado hoje pela juventude.”

O Museu dos Povos Indígenas do Piauí Anizia Maria-(MUPI) faz ecoar para todo o país as vozes de mulheres Tabajara e Tapuio-Itamaraty

“Quando a gente falou para a associação a ideia de fazer o museu, a gente teve muita doação. Tem um pote de barro que tem mais de 200 anos que foi passado de mãe para a filha, e que tem toda uma história também. Toda peça do museu sempre vai ter uma história por trás, nunca vai pertencer somente a uma pessoa”, explica Vitória Tabajara artesã indígena e comunicadora do MUPI.

A partir de uma iniciativa comunitária, o Museu dos Povos Indígenas do Piauí nasceu em 2016, na aldeia Nazaré, numa casinha simples, que abrigava objetos doados por pessoas da comunidade e de outros lugares. Ao longo dos anos, foi crescendo e, em 2023, ganhou um espaço físico amplo por meio do Sistema Estadual de Incentivo à Cultura (SIEC). Dinayana Tabajara, tem 27 anos, é filha de Antônia e neta de Manoel Niza, ancestral que a inspirou a lutar por sua identidade. Atualmente, ela é diretora do museu e reforça que o museu é vivo:

“As pessoas pensam que o museu é só passado, mas não. O museu está fazendo história, o museu é presente, para que a gente tenha ainda um pouco dessa história no futuro. Então, o museu é vivo, o museu somos nós.”

A jovem Tabajara é beneficiária do programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2), da Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), executado na região pelo Centro Regional de Assessoria e Capacitação (CERAC). Ela utiliza a água da cisterna, com capacidade de 52 mil litros, para produzir mudas de sementes nativas durante as aulas de agroecologia para as crianças da comunidade, realizadas no quintal do museu, no âmbito do projeto Centro de Convivência de Agroecologia.

“ A gente faz plantio de sementes, sementes da comunidade. A partir disso, a gente teve ensinamento com as crianças para valorização da nossa água, da nossa identidade. A cisterna não é o cimento, o concreto, mas tudo em volta disso. ”



O MUPI atrai visitantes do mundo inteiro, em 2024, mais de três mil pessoas passaram pelo local e tiveram a oportunidade de abraçar a luta dessas mulheres por respeito, reconhecimento e oportunidades no campo. Para Élide Tabajara, a Associação Indígena Tabajara Tapuio Itamaraty (APIN) e o museu são espaços que dão força para seguir fazendo a diferença dentro e fora da comunidade:

“Para mim, tanto a associação quanto o museu são lugares que fortalecem a nossa identidade. É onde a gente se encontra, troca experiências, realizamos nosso ritual, e também mostramos para outras pessoas que existem e resistem indígenas no Piauí, e que temos muita coisa para ensinar. É como um ponto de apoio mesmo, que dá força para seguir. ”

Para além das atividades do museu essas mulheres, também, se dedicam a agricultura familiar, o excedente da produção dos quintais é vendido para o Programa de Aquisição de Alimentos- Modalidade Indígena do governo Federal e Secretaria da Agricultura Familiar do Piauí-SAF e PAA da Companhia Nacional de Abastecimento-CONAB. A cacica Gardênia Tabajara, destaca que a organização da comunidade é fundamental para participar desses projetos que geram renda e segurança alimentar para todos os envolvidos no processo.

“Hoje a nossa história ela está bem divulgada, nós já recebemos vários visitantes por conta dessa divulgação, visitantes até de outros países. E como a nossa comunidade tem essa organização, os projetos ficam mais fáceis de vir. ”

Apesar das vitórias alcançadas por meio da luta dessas seis mulheres e de todos da comunidade, ainda há muito a conquistar. Uma das batalhas centrais é para ter de volta à terra que lhes foi tomada durante séculos, seja por invasões estrangeiras ou, em épocas mais recentes, devido à fome, quando alguns antepassados trocavam suas terras por um punhado de carne. Outras necessidades urgentes estão relacionadas à saúde e à educação.

“A nossa luta hoje é por território, pela saúde indígena, que já temos, mas que precisa melhorar, pela educação escolar indígena e por outras políticas públicas. Isso é importante porque os jovens são quem vai continuar com o fortalecimento da luta e a busca por reconhecimento, valorização e respeito pela nossa ancestralidade, saberes e cultura. Que a comunidade seja cada vez mais fortalecida, e que o contexto histórico encontrado no espaço do Museu seja uma ponte de ligação para futuras reparações históricas para o nosso povo.”

Finaliza Lucinete Tabajara; Majé e presidente da APIN.